

O Progresso Catholico

«... sequor autem, si quo modo
comprehendam...»

AD PHILIP. 3, 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

«... ad ea que sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad bravium
triumphi Ecclesie... in Christo Jesu.»

AD PHILIP. 13, 14.

SUMMARY: — SECÇÃO DOCTRINAL: A Milicia Christã (XXXIV) O culto dos santos, pelo rev.^{mo} sr. dr. José Rodrigues Cosgaya. — SECÇÃO CRITICA: Os nossos triumphos em Timor, pela redacção; — A dominação satânica, pelo ex.^{mo} sr. Mendes Rosa; — Milagre no santuario de Pompei por intervenção da beata Margarida Maria Alacoque, pela redacção. — SECÇÃO THEOLOGICO-MORAL: Pode um Padre catholico assistir, como ministro do Estado civil, ao casamento de protestantes? — O que são oratorios publicos; — Dúvidas sobre a benção papal em artigo de morte. — SECÇÃO LITTERARIA: A pedido da mamã pelo ex.^{mo} sr. Alves d'Almeida; — Petições e promessas da Virgem na gruta de Lourdes, pelo rev.^{mo} Padre Rezende; — O martyr do Golgotha, pelo ex.^{mo} sr. J. P. Mineiro. — SECÇÃO ILLUSTRADA: Jesus e a Samaritana; — Santa Isabel, rainha da Hungria, pela redacção. — RETROSPECTO: pela redacção.

Gravuras: Jesus e a Samaritana; — Santa Isabel, rainha da Hungria.



JESUS E A SAMARITANA

SECCÃO DOCTRINAL

A Milicia Christã

XXXIV

O CULTO DOS SANTOS

SE por bem pouca cousa, porque deu mais um passo no caminho das sciencias, porque conquistou, por bons ou maus meios, um logar d'honra, ou porque enriqueceu, Deus sabe como, tão facilmente rendemos homenagem a alguns dos nossos irmãos n'este mundo; quem, que acredite na immortalidade da nossa alma, poderá estranhar que rendamos culto áquelles dos nossos, cuja gloria sabemos que se tornou immorredoura?

E quem duvidará que a nossa alma é immortal, se observa que ella disocorre e reflecte, o que só pôde fazer o simples e espirital, que nunca morre, porque sem a perturbação de partes não se dá a morte?

E', para os crentes, dogma de fé a immortalidade da alma, e para o racional ponto d'honra e da mais clara intuição; a não ser que o fumo de torpes paixões ou a grossa tinta de negras iniquidades a venham empecer.

E se por patriotismo, ás vezes, e, frequentemente, por paixão politica se levantam estatuas á memoria de vultos, que aqui ou além em certos factos e em dados momentos deram luz, ainda que nada invejavel seja o resto da sua escura historia, — quem não gostará de ver que os catholicos levantam altares aos immorredouros heroes do catholicismo, que é campanha gloriosa em prol da honra e das venturas da humanidade contra todo o poder do inferno e dos iniquos?

E de quanto alento não nos serve a memoria dos nossos santos, para irmos nas veredas da virtude n'un mundo juncado d'iniquidades?

Os que se não prestam a dobrar o joelho perante as suas imagens venerandas, os que seus nomes não invocam, os que de lêr as suas historias não se agradam, não nos digam que são imitadores das suas virtudes; pois já vemos claro que elles vão por outra estrada mais larga, mas menos segura e pouco limpa.

Tristes d'elles, pois não sentem a consolação, que nós sentimos, contemplando, como contemplamos a simples mortaes, como nós, e dispondo apenas dos recursos, que nós dispomos, pois tiveram o mesmo Deus, a mesma fé e os mesmos sacramentos; livres hoje das instabilidades do tempo, das angustiosas duvidas, dos azedos desenganos, das maguas prolongadas, das dô-

res, ancias e penas d'esta vida gosando gosos, que sempre satisfazem e nunca cansam, por forma venturosos, que mais nada appetecem, nada invejam; adornados com os eternos esplendores da divina gloria, que lhes deixa vêr o ser divino, em cujas bondades fruem, em cujas bellezas se deleitam e em cuja estabilidade descansam.

Quem na tribulação não cobra alento, vigor nas horas de quebranto, follego na jornada mais longa, valor para o mais arduo, resignação no mais humilde, e coragem para o mais difficil, se observa que irmãos seus valorosos ali passaram e venturosos disfructam a gloria dos seus conquistados triumphos?

E para receber de Deus o auxilio, de que a cada instante carecemos, quem como elles?

Aqui pelejaram e muito corajosamente pela gloria do seu Deus contra inimigos sagazes, fortes e constantes, e porque d'elles triumpharam, manejando bem as armas, que para a lucta o seu Senhor lhes dera, de roda do seu throno gosam hoje a sua mais honrosa privança que lhes negará que peçam para os que aqui lidamos, onde elles se tornaram tão distinctos e tão queridos do seu Deus, seu Pae e seu Senhor?

E que pediremos nós a estes, que são os nossos melhores irmãos, que não nos façam, maxime quando vejamos buscando graças para os inuteis, indo nos caminhos, que elles palmilharam, para fazer n'elles o que é gloria para Deus e merito para as nossas almas?

São elles palpitante exemplo, luz e amparo dos que na milicia christã militamos: invoquemos pois seus gloriosos nomes, para que venham em nosso auxilio e nos guiem ao porto da nossa salvação.

Dr. JOSÉ RODRIGUES COSGAVA.

SECCÃO CRITICA

Os nossos triumphos em Timor

A DIVINA Providencia parece apressar-se em encher de beneficios este pequeno povo portuguez, que outr'ora foi grande porque amou muito a cruz e hoje é pequeno porque os que o governam se esquecem de Deus e fazem profissão d'espiritos fortes.

Não ha nação alguma que, n'estes ultimos tempos, haja sido tão feliz como a nossa nas suas campanhas d'além-mar.

Depois das victorias d'Africa, que nos encheram de gloria, e tornaram im-

morredouro o nome do heroe de Chaimite — o major Mousinho d'Albuquerque, vieram as victorias da India. Agora vêem os triumphos de Timor.

Louvemos a Deus por nos proteger tão visivelmente!

Como se sabe, as forças portuguezas tinham soffrido um pequeno desastre em Fatamean. O valente governador de Timor, snr. José Celestino da Silva, que tem sido um desvelado protector das missões catholicas n'aquellas paragens, como particularmente nos tem informado o nosso bom amigo, rev.^{mo} Padre Manuel Alves da Silva, dignissimo parcho-missionario de Timor, quiz vingar o nome portuguez do dissabor que tinha soffrido e marchou sobre os rebeldes de Cová, derrotando-os completamente.

Eis o officio em que o valente e brioso official do nosso exercito communicou esta grata noticia ao nosso governo:

«Ill.^{mo} e ex.^{mo} snr. — Em 20 de agosto proximo passado, depois da nossa importante victoria sobre os rebeldes de Sanir, encontrei-me em bem critica situação, pois estava em frente de Cová, quasi exausto de munições de guerra; por isso ordenei que a canhoneira *Bengo* fosse a Makassar para expedir a v. ex.^a um telegramma segundo a copia junta.

«Como disse a v. ex.^a, a situação era critica, pois não tinha senão um cofre com munições para artilheria e 15:000 cartuchos Remington; os arriaes, fatigados por uma campanha de trinta e seis dias, e ricos de presas, desejavam retirar-se, e eu via, afflicto, perdido o fructo de tantos sacrificios, de tantos trabalhos e das nossas continuadas victorias; era necessario avançar contra Cová, que era, pode dizer-se, a cabeça da rebelião, que em setembro do anno passado nos victimou valentes officiaes de 1.^a e 2.^a linha e bastantes praças de pret; parar era até vergonha.

«Tomei todas as medidas de segurança que um homem pôde tomar, e como tinha muita polvora e balas soltas para os reinos auxiliares, animei os arriaes, e graças a Deus Todo Poderoso a victoria não nos abandonou; o terror panico tinha-se apoderado dos rebeldes, que mais pensavam em fugir do que em defender as formidaveis fortificações que tinham construido, e, depois de uma fraca resistencia, refugiaram-se em territorio hollandez de Fialara e Joanilo.

«Assim acabou a lenda de Cová, mas infelizmente evadiram-se os principaes cabeças, e dos assassinos dos nossos officiaes só foi morto um tal Brao Saeca, assassino do desventurado capitão Camara.

«N'esta cidade compenetraram-se todos bem do alcance das nossas victorias; o enthusiasmo que se apoderou dos habitantes é de difficil descripção: organisaram-se festas, a cidade conservou-se illuminada toda a noite e eu vi-me alvo das mais agradaveis manifestações dos commerciantes e de toda a população.

«Os chinas, os arabes, os que mais ou menos dependem da Companhia da Mala Real Hollandeza organisaram prestitos e, com a nossa gloriosa bandeira á frente, foram á minha residencia apresentar as suas mensagens de congratulação; enfim, creio que será difficil repetirem tão ruidosas e sinceras manifestações.

«Todos comprehendêram que era mais uma rica região que estava aberta ao commercio.

«Resta Fatumean, e hoje pedi ao residente de Cupany auctorisacção para atravessar uma estreita mas longa faixa de terreno existente entre Cová e Fatumean, a fim de ainda este anno poder castigar os rebeldes de Fatumean; se a conseguir, encetarei as operações logo que cheguem os afri-anos e as munições para artilheria; se a permissão me fôr negada, o que é possível, então só no proximo anno de 1897 poderei pedir a Fatumean e Torem estreitas contas dos seus crimes, como agora foram pedidas aos de Loiciva, Cotubalr, Soner e Cová.

«Continuam os trabalhos de construcção do reducto de Batugadé; restabeleci o commando de Balipó e vou estabelecer um outro em Cová, perto da fronteira, e não está restabelecido ainda, porque desejo pessoalmente escolher o local, e as febres que me prostraram logo que terminou a campanha m'o não teem permitido.

«Com estes tres commandos, que mutuamente se auxiliãõ, fica garantido o exercicio da nossa auctoridade em toda aquella rica região e prejudicada a entrada do contrabando por Cová.

«Em breve terei a honra de enviar a v. ex.^a o meu relatório ácerca d'esta, para nós, tão gloriosa campanha.

«Deus guarde a v. ex.^a Dilly e secretaria do governo de Timor, 7 de setembro de 1896.

«Ill.^{mo} e ex.^{mo} snr. conselheiro, par do reino, secretario geral do ministerio da marinha e director geral da secretaria do ultramar.—O governador, *José Celestino da Silva*».

Esta linguagem, se é propria d'um valente soldado, que honra o exercito a que pertence, é tambem propria d'um verdadeiro christão, que sabe que, se venceu, o não deve a si, mas á protecção da divina Providencia.

O valente governador de Timor con-

fessa publicamente, alto e bom som, que, «graças a Deus Todo Poderoso, a victoria não nos abandona.» Os idiotas que fazem livre-pensadismo nas horas vagas, porque não teem mais que fazer, haviam de rir-se desdenhosamente, idiotamente, por verem um valente soldado, que não teme as balas do inimigo, elevar o pensamento para Deus, no momento em que ia travar combate com os inimigos da patria.

Mas os idiotas passam, e os heroes, como o valente governador de Timor, ficam, porque deixam o seu nome gravado nas paginas douradas da nossa historia.

Gloria aos soldados portuguezes que ainda conservam vivida a fé que beberam com o leite materno!

Depois d'escripto este artigo, recebeu-se em Lisboa o seguinte telegramma:

Massacar, 11. — Terminada campanha; rebeldes Fatumean, Lokeo, Socolo completamente derrotados por columna tenente artilheria Santos Silva. Muitos mortos. Grandes perdas. Grande enthusiasmo nas nossas forças. Mandei dispersar arraiaes. Conservo-me Cová estabelecendo occupação. Regressarei Dilly breve. — *Governador Timor.*

A divina Providencia não abandonou o valente governador de Timor: a victoria é completa, tão completa como aquelle valoroso soldado a podia desejar.

Deus não abandona quem n'Elle confia!

Honra ao governador de Timor!

Gloria a Portugal, que alcançou taes victorias e tem filhos como o valoroso governador de Timor!

A dominação satânica

(Ao Exc.^{mo} SNR. IGNACIO M. A. CAMPOS MOURA)

Vade retro, Satan...

S. Mat. c. IV, v. 10.

DEPOIS que a serpente infernal, ou sando transpôr os humbraes do Paraizo terreal, occasionou ahi o nefando e abominavel crime que lançou o primeiro homem no abysmo horroroso da desgraça, privando-o dos dons sobre e praeternaturaes com que Deus o havia mimoseado no acto da sua creação, e produzindo-lhe por consequencia a derrocada das forças superiores, que desde esse infausto momento ficaram na quasi totalidade dos homens, pela sua impotencia moral, assoberbadas pelas inferiores—o que origina gra-

ves enfermidades que só a graça que o Filho de Deus nos veio trazer, descendendo do Olympto, encarnando e expiando no alto do Golgotha os peccados de homens por meio do horripilante martyrio a que a cidade deicida o condemnou a despeito da sua innocencia, pode sanar, graças ao seu balsamo preciosissimo e divino—o dominio satânico installando-se sobre a terra, acompanhou por muito tempo o homem nas suas successivas emigrações para as differentes regiões do globo.

Conquistando o throno que a graça primitiva até alli occupava e que o primeiro homem não defendeu obedecendo á soberba que o dominava, não obstante dispôr de meios sufficientes para conseguir os louros da victoria que tanto a elle como aos seus vindouros asseguraria o supremo bem-estar sobre a terra, o usurpador não tardou em dar-lhe uma collecção de regras destinadas a pautar os costumes dos homens.

Adversario como era e é ainda em todos os sentidos de Deus, bom, justo e misericordioso ao mesmo tempo e no mais alto grau, essas regras que não deviam destoar, antes deviam traduzir as qualidades do seu auctor, ensinavam as doutrinas mais obscenas, mais immorales e mais satanicas, superiores a toda a imaginação.

Estas doutrinas, veneno subtil que o demonio habilmente inoculou no coração humano—para o que lhe não foi necessario empregar demasiado trabalho por não ter já de bater a fortaleza sobrenatural da razão, a graça primitiva que Deus havia dispensado ao nosso primeiro pae—lançaram-n'o na pratica de todas as indignidades, de todos os crimes e de todas as abominações.

Os seus effeitos manifestaram-se logo no principio, pouco depois da queda original.

Caím, primogenito de Adão, espoado pelo odio satânico que votava a seu irmão Abel, assassina-o no meio d'um campo, como diz a Sagrada Escripura, a despeito do conhecimento que tinha, do terrivel castigo que Deus acabava de descarregar sobre seu culpado pae.

A punição, porém, não se fez esperar. Deus empunhando o latego da sua infinita justiça fustiga-o com a vida errante, a que, além d'outras penas, foi condemnado.

Escravo do demonio e tendo-se apagado na maior parte d'elles a luz da razão—unico pharol que ainda os podia guiar com maior ou menor segurança—balda do antemural primitivo e açoutado pelo violento furacão das vis paixões, os homens sem norte nem guia, sem mentor, perdidos no mar tenebroso da vida humana, naufragaram no escolho da

perversidade e caminharam a passos rapidos para a barbarie, deixando detraz de si uma esteira de crimes que indicavam claramente a sua prodigiosa degradação moral.

Então os instinctos maus representados por estatuas sordidas e indecentes que fomentavam sobremaneira a devassidão, subiram á categoria de denses e desde então começaram a ser venerados como taes.

O homem não podia descer mais na escala da desmoralisação. O governo satânico tinha-o aviltado excessivamente; tinha-o quasi egualado aos irracionais, raspando-lhe da consciencia toda a distincção entre o bem e o mal, entre o vicio e a virtude.

Necessitava absolutamente d'um libertador.

Esse libertador porém não veio tão depressa como se desejava porque, como diz S. Thomaz, tendo o homem peccado pela soberba, era conveniente que fosse humilhado e por essa humilhação conhecesse perfeitamente a necessidade que tinha da sua vinda. Só depois de volvidos quatro mil e quatro annos é que o Filho de Deus, olhando para o miserimo estado da natureza humana e condoendo-se á vista do acobrunhamento que o homem supportava debaixo do tyrannico dominio de Satanaz que lhe tolhia o consequimento da salvação, veio liberal-o.

Para isto uniu-se hypostaticamente á natureza humana e depois de ter habitado algum tempo entre os homens, offereceu-lhes um novo código cuja doutrina contrastava inteiramente com a até allí em vigor.

Esta doutrina a mais pura, a mais santa que se pode imaginar, vem mostrar ao homem, para o evitar, o vicio em toda a sua hediondez e as funestissimas consequências que d'elle brotam.

Mas Christo, Deus e Homem ao mesmo tempo, não veio só mostrar o porto de salvação e o meio de se lá arribar; veio, além d'isso, trazer as forças sufficientes para o poder fazer como não podia deixar de ser, pois que não basta ao homem conhecer o bem, é necessario, além d'isso, como muito bem diz Seneca, haver força para o fazer.

A religião de Christo é, pois, a taboa de salvação que, boiando sobre o mar revolto da vida humana, o póde conduzir á praia almejada. Antagonista denodada do demonio, persegue-o sem lhe conceder um momento de repouso até encurralal-o no antro infernal, livrando assim o homem d'esse monstro horrendo que, antes da sua vinda, expulsava á vontade do coração humano todos os sentimentos de virtude para os substituir pelos instinctos refeces e frascarios, que tanto envilecem os filhos de Adão.

Porisso o homem deve primeiro que tudo rejeitar a vassallagem a Satanaz, seguir a religião christã e cumprir esrupulosamente os seus mandamentos.

Procedendo assim, não faz mais do que conquistar a virente corda da gloria que, depois da transicção do tempo para a eternidade, lhe ha de aureolar a fronte coberta de rugas, que significam evidentemente o holocausto das paixões na ara do Eterno, o que todo o ente racional deve fazer para poder evitar o naufragio.

MENDES ROSA.

Milagre no santuario de Pompei

POR INTERVENÇÃO DA BEATA

MARGARIDA MARIA ALACOQUE

ESCREVEM de Napolés, em data de 22 d'outubro, uma correspondencia a *L'Unità Cattolica*, na qual se narra um milagre por intervenção da Beata Margarida Maria Alacoque. Como essa correspondencia é muito extensa, resumimol a, dando os principaes topicos, pelos quaes se ficará sabendo em que condições o milagre se realison.

Sexta feira, 16 d'outubro, chegou ao santuario de Pompei Ersilia Cella, uma Irmã Dorothea, impossibilitada d'andar. Acompanhavam n'a duas outras Irmãs Dorotheas e o tio materno, rev. Conego Forlivesi, de Roma. A comitiva tinha viajado de Roma a Napolés em caminho de ferro, e d'aqui, logo depois, dirigira-se ao Valle das maravilhas, em carruagem.

Não deu pouco trabalho a tirar da carruagem a maca e a enferma, que vinha prostrada pelas dôres.

A doente tem soffrido como uma martyr. Os medicos, para a curarem, fizeram-lhe applicações de fogo vivo, que ella soffreu com singular coragem, não querendo ser chloroformisada; mas, depois de tanto soffrimento, teve a grande dôr de lhe ser annuziado que a sua doença era incuravel e que ficaria estropiada e immovel toda a vida. A infeliz soffria d'uma sinovite dupla.

Foi então que seu tio, o rev. Conego Forlivesi, e o confessor d'ella, rev. Conego Avoli, tendo obtido a honra d'uma audiencia pontificia, pediram ao Santo Padre uma benção que confortasse aquella infeliz, e o magnanimo e piedoso Pontífice do Rosario, en ternecido no seu amoroso coração de pae de todos os crentes, respondeu:

—Levae-lhe a minha benção, e dei-lhe que taes doenças levam directamente ao céu, porque o Senhor as manda ás suas almas eleitas para fa-

zel-as mais bellas e mais dignas dos esplendores do Paraizo.

Decorreu assim muito tempo: cinco annos e meio. Depois o Conego Forlivesi, vendo que era inappellavel a dolorosa sentença dos medicos, pensou em confiar a cura ao auxilio divino. Como era devoto da Virgem de Pompei, pensou em dirigir-se allí para implorar a cura da enferma. Por isso a Irmã Ersilia Cella, em companhia de seu bom tio e de duas Irmãs que a assistiam, dirigiu-se áquelle santuario, onde chegou, como já se disse, na sexta-feira, 16 d'outubro.

A infeliz foi immediatamente levada á egreja; mas, apesar das suas preces e das de seus tios e companheiras, as pernas continuaram immoveis e endurecidas. Oraram com igual fervor de tarde, mas com o mesmo resultado. A ultima esperanza frustrara-se: a infeliz joven ficava aleijada para sempre. Com o coração repleto de dôr, o bom Conego Forlivesi dispoz tudo para a partida no dia seguinte, sabbado, em carruagem, para tomar em Napolés o comboio de Roma.

Entretanto o commendador Longo, apiedado da desolação em que devia estar o animo da deaventurada enferma, dirigiu-se á sala da Foresteria, onde estava alojada, afim de consolal a, se fôra possível. O enr. Longo queria dizer-lhe que a Virgem de Pompei concede muitas curas e que tivesse confiança. Porém, quando o enr. Longo se viu em frente da enferma, teve uma inspiração. No dia seguinte era o dia do Sagrado Coração de Jesus e da Beata Margarida Alacoque e havia festa no santuario, onde, por graças concedidas aos fundadores, foi erecto um esplendido altar consagrado ao Divino Coração e á Beata Depositaria dos thesouros d'Elle; era, pois, opportuno que a doente recorresse a um e a outra para obter a cura.

No dia seguinte, sabbado, de madrugada a Irmã Dorothea lá estava na egreja, com as pernas rigidas, os pés inertes e como de pedra.

Começou a missa no altar do Coração de Jesus, celebrada pelo rev. Padre Piccioli, da Companhia de Jesus, que começou a recitar o officio divino muito vagarosamente, como se quizesse protelar o tempo da esperanza e da expectativa. Chegada a communhão, Soror Ersilia, sendo conduzida ao altar, recebeu a carne do Cordeiro Divino, e nada succedeu d'extraordinario.

A hora da partida estava prestes a soar e não podia haver mais demora para não perder o comboio de Roma. Demais a enferma e as suas companheiras tinham necessidade de tomar alguma refeição antes de emprenderem

a viagem. O conego Forlivesi foi dizer a sua sobrinha que era tempo de partir; esta, convencida de que ficaria alijada da toda a sua vida, acenou ás companheiras para que a ajudassem a pôr as muletas; e enquanto isto se fazia, ella, voltando-se para o altar, disse:

—*Beata Margarida, glorificue vos n'esta dia e n'este santuario.*

Immediatamente cante uma dôr sobrehumana. Mais tarde disse que n'aquelle momento tinha sentido fragmentarem-se-lhe as pernas em mil pedaços. Em seguida girou sobre a cadeira, poz os pés em terra, e enquanto as Irmãs, attonitas, estendiam as mãos para a socorrer, levantou-se, caminhou, correu ao throno da Virgem, subiu as escadas e se lançou de joelhos, agradecendo.

E' impossivel descrever o que succedeu na igreja. Gritava-se, chorava-se, orava se em alta voz. Alguns abraçavam-se, misturando as suas lagrimas e as suas preces junto do throno. Mas a Irmã, circundada d'um numeroso grupo, cantava o *Magnificat*, enquanto na Novata as devotas estavam prezas da mais intensa commoção. D. José Ottaviano da Caserano (Lecce), que celebrava no altar de S. Francisco, suspendeu a missa, voltou se e ficou como aturdido, com os braços levantados e com o rosto banhado em lagrimas. Um chefe de estação da provincia de Bologna, que costumava rir-se dos milagres e zombar de quem lhe dava credito, o qual se encontrava com a mulher e dois filhos a pouca distancia de Soror Dorothea, lançou se a terra e batendo com o rosto no chão, gritava: *creio, creio!*

O cocheiro que devia conduzir a Napoles a enferma, é que, vendo-a tardar, começou, como é costume entre aquella gente, a vomitar imprecações e blasphemias, entrou na igreja para lhe dizer que viesse embora quando Soror Cecilia corria para o altar de Maria. Ao vêr aquillo caiu por terra aturdido, e com amarisimo pranto, com fervorosas exclamações, com vigorosas pancadas no peito confessava os seus peccados...

Agora Soror Ersilia Cella está perfectamente curada. Ninguem ousou dizer que o fosse por meio de suggestão, porque se tratava de lesões organicas e não de doenças nervosas.

E' tambem maravilhoso que este prodigio tão subito e estrepitoso, e verificado por tantas testemunhas (entre ellas Mons. Alexandre Carcani, advogado) é o que fará decidir, se fôr approvedo pela Sagrada Congregação de Ritos a santificação da Beata Margarida Alacoque! Para obter isto, era necessario só mais um milagre, e este succedeu não em l'aray-le-Monial, não

em Hespanha, onde tanto se pediu isso ao Coração de Jesus, não na igreja dos Padres Salesianos, mas no templo angustissimo do Valle de Pompei.

A noticia telegraphica communicada para Roma causou alli o mais vivo entusiasmo. Na igreja da Minerva cantou se solemne *Te-Deum*. O Em.^{mo} Secretario d'Estado de Sua Santidade respondeu: «O Santo Padre agradece a communicação que lhe foi feita pelo seu telegramma d'hoje e envia a implorada Benção Apostolica.»

O Em.^{mo} Cardeal Mazzella, vigario pontificio do santuario de Pompei, escreveu: «Agradeço-lhe do coração o telegramma recebido sabbado de tarde. Mandei-o immediatamente ao Santo Padre, e hontem de manhã, tendo occasião de velo, encontrei-o muito consolado. Agradecemos com toda a effusão do coração ao bom Deus, que não cessa de mostrar as suas especiaes complacencias por esse santuario.»

A Pompei continuam a chegar cartas e telegrammas, e pensa-se com alegria na consolação que experimentarão em França as almas boas, tão devotas do Sagrado Coração, quando lhes chegar a noticia do prodigioso milagre tão ansiosamente esperado para a canonisação de Margarida Alacoque, que é uma das mais puras glorias d'aquella nobre nação.

SECÇÃO THEOLOGICO-MORAL

Actos da Santa Sé

Pode um Padre catholico assistir, como ministro do Estado civil, ao casamento de protestantes?

APRESENTA-SE frequentemente o caso nos Estados Unidos, e provavelmente tambem nos outros paizes onde a religião protestante é livremente exercida e mesmo protegida pela lei civil, que um Padre catholico, que faça parte d'uma municipalidade, é chamado a servir não sómente de testemunha, mas tambem d'official do Estado civil n'um casamento entre noivos de religião protestante. Collocou-se pois a questão á Congregação da Propaganda para saber se o Padre catholico pôde licitamente assistir, na qualidade de ministro do Estado civil, ao casamento de protestantes.

Consultada a Sag. Cong. por Mons. Jansen, Arcebispo de Nova Orleans, esta respondeu pela *affirmativa*.

Eis o texto do mesmo decreto:

R. P. D. Francisco Jansen, Archiepiscopo Neo-Aureliæ

Ill^{mo} et Rev^{mo} Domine,

Hæc occasione respondens alteri tuæ

Epistolæ mihi datæ die 27 decembri elapsi in quæ petis utrum liceat sacerdoti catholico tanquam ministrum civilem se habere in celebratione matrimoniorum protestantium, Anylitudinè tuæ significo id licitum esse; hoc enim casu sacerdos est tanquam testis authorizabilis... Interim vero Deum precor ut Te diutissime sospitet.

A. Card. Ledochowski. Præf.

* * *

O que são oratorios publicos.

Foi ordenado pelo Decreto da Sagrada Congregação de Ritos de 9 de dezembro de 1895, que os sacerdotes, que celebrassem missa em *alguma igreja ou oratorio publico*, se deviam conformar com o officio d'essa igreja ou oratorio. Ora levantou-se duvida sobre o que se havia de intender por — *oratorio publico*.

Consultada a Sag. Cong. deu resposta em 22 de maio de 1896.

A pergunta foi formulada do modo seguinte:

Se, depois do Decreto geral, de 9 de dezembro de 1895, sobre a missa conforme ao officio da Igreja ou do Oratorio publico, deveriam corresponder ao Calendario do lugar ou ao do celebrante as Missas que são ditas nas capellas dos Bispos, dos Seminarios, das comunidades piar, dos hospitales e dos carceres?

A Sag. Cong. respondeu:—*Com tanto que se trate de capella principal, que deve ser considerada como oratorio publico para o effeito do referido Decreto, AFFIRMATIVAMENTE quanto ao primeiro e NEGATIVAMENTE quanto ao segundo.*

EXPLANAÇÃO

Vê-se d'esta resposta que a capella dos Bispos, dos seminarios, dos collegios, das comunidades, dos hospitales e das prisões, deve ser considerada como *oratorio publico* na applicação do decreto geral *de missa in ecclesia aliena*; quer dizer, que todo o sacerdote, que alli celebrar, deve conformar-se com o calendario d'essa capella.

Não esqueçam, porém, as palavras da Sag. Cong.:—*Com tanto que se trate de capella principal*. Por conseguinte, só a capella principal do estabelecimento, por exemplo a capella dos seminarios, dos conventos, onde se reúnem os estudantes e os religiosos, para as orações communs e para os officios, goza do privilegio concedido pelo decreto geral de 9 de dezembro de 1895.

As outras capellas ou oratorios, que existem n'estas casas, não se comprehendem no privilegio, e o sacerdote, que n'ellas celebra, deve seguir o calendario da sua diocese.

Duvidas sobre a benção papal em artigo de morte

O professor de theologia moral do seminario de Malines supplicou á Santa Sé a resolução das tres seguintes duvidas:

1.^a Se, não obstante a declaração da Sag. Cong. de Indulgencias de 23 d'abril de 1675, segundo a qual a indulgencia plenaria em artigo de morte só se recebe estando em verdadeiro artigo de morte, a Indulgencia ou Benção Papal (ainda quando só se possa ganhar no verdadeiro artigo de morte), pode dar-se quando o perigo se teme racionalmente e com presumpção provavel de que sobreviverá, de tal modo que possa observar-se o costume de dar a dita benção uma vez administrados os ultimos sacramentos, ora se espere perigo mais urgente, ora se não espere.

2.^a Respondendo negativamente á primeira pergunta, deseja-se saber se, na duvida de se a Benção Papal foi concedida ou não a seu devido tempo, pôde, receiando mais o perigo, reiterar-se na mesma enfermidade, temendo que a primeira vez que se deu fosse nulla por não haver verdadeiro artigo de morte.

3.^a N'uma declaração dada pela Sag. Cong. para a Belgica em 12 de março de 1855, lê-se o seguinte: «Havendo a Sag. Cong. respondido, n'uma declaração dada para Valencia, em 5 de fevereiro de 1841, *negativamente* n'um mesmo artigo de morte, á consulta de se o enfermo podia ganhar muitas vezes a indulgencia plenaria annexa á Benção Papal, recebendo-a de muitos sacerdotes que tivessem facultades para a conceder, pergunta-se: 1.^o Se, em vista da precedente resolução, está prohibido dar mais d'uma vez, pelo mesmo ou por diferentes sacerdotes, a Benção Papal com indulgencia plenaria a um enfermo constituido n'um mesmo artigo de morte; 2.^o Se, em vista da mesma resolução, está prohibido dar muitas vezes ao enfermo constituido no proprio artigo de morte a Benção Papal com applicação d'indulgencia plenaria, quando isto se faz por muitos sacerdotes que tem facultade de concedel-a em virtude de concessões distinctas, por exemplo em razão de pertencer o enfermo ás irmandades do Rosario, do Carmo, SS. Trindade, etc.

estas duas consultas respondeu a

Cong. das Ind. *negativamente*, segundo o que se lê no artigo de Prinzivalli, recordando a resolução dada pela dita Sag. Cong. em 1841, ficando sem embargo em vigor a resolução de 5 de fevereiro de 1841, e segundo a collecção authentica de Ratisbona, a resolução foi *affirmativamente*. Pergunta-se pois se esta ultima resolução, como apparece na collecção de Ratisbona, deve ser reconhe-

cida como authentica, de tal maneira que deva mudar-se a pratica segundo a facultade provenha de diferentes concessões.

A Sag. Cong. dignou-se responder:

A' 1.^a que se veja a declaração dada em 23 d'abril de 1675;

A' 2.^a que está prevista na primeira resposta.

A' 3.^a que se guarde á letra a resposta como apparece na ultima edição de Ratisbona feita na imprensa de Frederico Pustel.

SECÇÃO LITTERARIA

A PEDIDO DA MAMAN

Malvinita, o céo te faça
Sobre a terra sorrir pura,
E te conceda a ventura
Que requer a tua graça.
—E's ainda tão novinha...
Que mais te direi, ó anjo!
Que Deus te faça rainha,
Que o céo te decreta archanjo!

Surrir tua fronte vejo
Como a da lua serena:
Que a vida te seja amena
Tanto quanto o teu desejo.
E's ainda tão menina...
Que mais queres que te diga?
Que Deus te faça divina,
Da pura verdade amiga...

Tous olhos castanho escuro
Dizem ternura e bondade:
Praza ao céo que a divindade
Te destine um bom futuro.
—E's ainda tão pequenna...
Que mais poderei dizer-te?
Que nunca chores do pona,
Que feliz quizerá ver-te!

Tu ar nos onlova a vista,
Tua graça nos encanta...
A tua pureza é tanta
Que nossas almas conquista!
—E's ainda tão creança...
Que mais te direi, Malvina?
Que sigas com fé e esp'rança
De Christo a sancta doutrina!

ALVES D'ALMEIDA.

PETIÇÕES E PROMESSAS DA VIRGEM NA GRUTA DE LOURDES

«Vinde aqui quinze dias,
Diz Maria á sua serva;
«Vinde ao pé d'esta montanha
Que vós coberta de relva!»

Outro dia appareceu,
E a Bernadette Ella diz:
«N'esto mundo soreis triste...
No Céo vós soreis feliz!»

«Pelos tristos peccadores
Vós constante orareis;
Por elles todos os dias
Vós a terra beijareis!»

«Eu desejei que aqui venha
Em procissão muita gente
Escutar n'esta montanha
A minha voz tão clemente!»

«Vireis beber e lavar-vos
N'esta fonte cry-talina,
Que nasce d'este rochedo
Por uma graça divina!»

Da herva que está ao lado
Pressurosa comereis;
Com ella tão salutar
Toda a vida passareis!»

«Vós ireis dizer aos Padres
Me façam uma capella
No alto d'esta montanha,
N'esta abençoada terra!»

«Dizei aos povos da terra
Que vão já sem mais detensa
Do seus crimes e peccados
Fazer muita penitencia!»

«Em paga de todo isto,
Serve do meu coração,
Vou dizer vos que — Eu sou
A Immaculada Conceição!»

PADRE REZENDE.

O Martyr do Golgotha

(A. M. N. D.)

Errava triste e sombrio por entre a multidão alvoroçada que pedia incessantemente a morte do Justo. Ouvia as vociferações d'um povo anhelante do sacrificio d'um Deus, e arrependeu-se do seu crime...

Trahira os mais sagrados deveres, vendera o Mestre após a tremenda profanação e sacrilegio da cên; e quando viu claramente a horrorosa traficancia, tentou n'um ultimo esforço desfazer o contracto, entregar o dinheiro que lhe escaldava as mãos, e errava triste e sombrio por entre a multidão alvoroçada...

O sacrificio ia quasi consummado. O Martyr pendia exanime da cruz, implorando o perdão dos nescios e loucos que o immolavam. E no cumprimento das prophcias nos deu o grande exemplo do amor ao proximo e o ensinamento aos vindouros das verdades eternas.

Aureolou os povos com a corôa que lhe cravava agudos espinhos na soberana cabeça. Conquistou o mundo com o soffrimento e abnegação, lavando as nodos peccaminosas dos filhos da culpa com o sangue exaurido das abundantes feridas... e entregando o discipulo amado á Mãe, que assistia lacrimosa aos ultimos paroxismos, e a Mãe ao discipulo, inclinou por um pouco a sacrosanta cabeça.



SANTA IZABEL, RAINHA DA HUNGRIA

A ultima prova da ferocidade do povo que Elle tentou remir, estava ali, n'uma esponja embebida em fel e vinagre, e nas insolencias d'um reprobado que dirigia ao Deus do Bem, ao supremo Senhor do universo rasteiras apostrophes e imprecacões ao seu poder e omnipotencia: e no *consummatum est* terminou a tragedia...

*

Judas chorava. Caminhou por algum tempo ao acaso, absorto em profunda tristeza, subjugado com o peso do seu crime, fugindo dos homens e... talvez tentando concentrar-se com a ideia da existencia posterior entre os animaes ferozes ou no convivio íntimo de criminosos e malfetores.

A pallida claridade da tarde offuscava-lhe a vista. Desejou a noite!

Qu'z dormir á beira d'um atalho, mas não pôde; era-lhe impossivel conciliar o somno! A negra e horrorosa traição da madrugada antecedente ator-

mentava-o fortemente mostrando-lhe o Deus d'amor e de bondade, pendente da cruz entre dois temiveis ladrões!...

... E chorava!

*

N'um derradeiro esforço de condemnado, tentou caminhar mais além e fugir das terriveis visões que o assaltavam, mas uma figueira que alli estava attrahiu-o, impedindo-lhe o caminho.

Sentou-se debaixo d'ella, e tornou a passar-lhe pela mente a tragedia originaria da veniaga do perfido que dera um beijo a quem lhe tinha pouco antes dado de comer e beber do seu corpo e sangue.

— Fui um cobarde, exclamou, e hei-de sel-o para todo o sempre. As gerações futuras amaldiçoarão o meu nome e a minha memoria. Aviltei-me, trahindo o Justo, e vendendo o sangue innocente. Pequei... não mereço perdão! Sou mais nojento, abjecto e vil, que os reptis que rastejam pelos char-

cões immundos, putridos e asquerosos.

... E não pôde, quando n'um derradeiro esforço de condemnado tentou caminhar mais além, dar um unico passo.

*

Aquelle braço nú e comprido da figueira que se estendia por sobre um abysmo profundo e medonho, fascinou-o. A tentação foi terrivel. Tirou o cinto que o apertava, deu-lhe um laço que lançou ao braço fatal, outro laço que passou em roda do pescoço, e esquecendo o perdão divino, deixou balar-se sobre o abysmo, onde bandos d'animaes carnivoros o fitavam no dia immediato...

*

E no alto do Golgotha pendia morto o corpo do Martyr que, momentos antes, pedira ao Pae o perdão dos que o sacrificavam innocente, e que n'essa hora ouvia na Bemaventurança, junto

do Pae que o idolatrava e dos Anjos que entoavam divinaes e celestes hymnos, o veré *Filius Dei erat iste...*

J. P. MINEIRO.

SECÇÃO ILLUSTRADA

Jesus e a Samaritana

(Vid. pag. 245)

PARA ir da Judéa para a Galiléa, era necessario passar pela provincia de Samaria, cujos habitantes eram odiados e desprezados dos Judeus. No centro d'esse paiz encontrava-se a cidade de Sichein, que os Judeus chamavam então Sichar. Era proximo d'esta cidade que estava o patrimonio dado a José por Jacob. Jeroboão tinha-a feito capital do seu reino, e nas suas proximidades erguia-se o monte Garizim, que era o centro do culto samaritano.

Jesus, não querendo entrar na cidade, mandou os discipulos que fossem lá comprar as provisões necessarias. Quanto a elle, como viesse afadigado, sentou-se á espera d'elles junto do poço que se chamava poço do Jacob, porque tinha sido aquelle patriarcha que o tinha mandado abrir.

Uma mulher da terra de Samaria veio ali buscar agua, e Jesus lhe disse: «Dá-me de beber.» A mulher respondeu-lhe: «Como é que sendo tu Judeu me pedes de beber a mim que sou de Samaria? Pois é certo os Judeus não terem relações com os Samaritanos.»

E' sabido que esta antipathia entre Judeus e Samaritanos tinha sempre existido. Este ultimo povo se compunha de colonias estrangeiras que os reis da Assyria tinham mandado para povoar o paiz depois que o conquistaram e de Israelitas das dez tribus que escaparam ao captivo e se tinham reunido nas cercanias da sua antiga capital. Das suas antigas crenças tinham conservado o conhecimento do verdadeiro Deus, a esperanza do Messias, o uso da circumcisão e os livros de Moysés. Mas affirmavam não serem obrigados a ir ao templo de Jerusalem para lá offerecerem sacrificios e que tambem podiam adorar a Deus na sua terra no alto do Garizim. N'isto é que elles eram scismaticos.

Jesus os considerava como taes e reconheceu que elles tinham sido justamente proscriptos pela synagoga. Mas como o ponto principal em que elles divergiam dos Judeus não devia constituir mais questão depois da promulgação do Evangelho que implicava a abrogação da lei, Christo poz de parte qualquer discussão a tal respeito, por-

que não queria desgostar aquella mulher, e replicou: «Se tu conhecesses o dom de Deus e soubesses quem é que te diz: dá-me de beber, talvez fosses a propria a pedir-lhe de beber e elle te daria agua viva.»

A mulher, ainda mais admirada, respondeu-lhe: «Senhor, tu não tens com que tirar a agua viva. Serás tu maior que nosso pae Jacob? Todavia elle não achou aqui agua viva. Para a ter viu-se obrigado a abrir este poço que elle nos deu, d'aqui bebem elle, os seus filhos e os seus rebanhos.»

Jesus, para lhe fazer comprehender que era maior que Jacob, acrescentou: «Qualquer que beber d'esta agua que vos deu Jacob, ainda ficará com sede; ao passo que aquelle que beber da agua que lhe eu dê nunca mais tornará a ter sede. A agua que lhe eu dê n'elle se converterá em fonte d'agua viva que correrá até á vida eterna.»

A Samaritana não comprehendendo o sentido espirital d'estas palavras, replicou: «Senhor, dá-me d'essa agua para que eu não tenha mais sede, e não torne aqui a voltar.»

Então Jesus querendo illuminar a multidão de conversação para fazer chegar a luz á sua alma. «Vae, lhe disse elle, chamar teu marido e volta com elle cá.—Não tenho marido, respondeu ella.—Tens razão, disse Jesus, em dizer que não tens marido; porque tens tido cinco, e esse que agora vive contigo não é teu marido. Disseste pois a verdade.»

—Senhor, disse a mulher, vejo que és propheta. Dize-me pois onde deve Deus ser adorado. Os nossos paes o adoraram n'aquelle monte (o Garizim) e vós outros Judeus dizeis que Jerusalem é o sitio onde se deve adorar-o.

—Mulher, disse Jesus, está a chegar a hora em que se não ha de adorar o Pae celeste, nem n'esse monte, nem em Jerusalem, porém sim em toda a terra. Agora adoraes o que não conheceis, porque não fazeis verdadeira idéa da divindade; mas nós adoramos o que conhecemos, porque a salvação ha de vir dos Judeus.

No entretanto a hora chega e já chegou em que os verdadeiros adoradores hão de adorar o Padre em espirito e em verdade. Porque são esses os adoradores que o Pae celeste procura como os unicos dignos d'elle. Sendo Deus espirito e verdade, é necessario que os que o adoram o façam em espirito e em verdade.»

A Samaritana offendida provavelmente pela preferencia que Jesus dava aos Judeus sobre os concidadãos d'ella, desviou a questão deixando a sua solução ao Messias que era o objecto da esperanza universal. «Eu sei que o Messias a quem chamam Christo está

para chegar. Quando elle vier, elle nos fará conhecer acerca de todas essas cousas a vontade de Deus.»

Jesus aproveitou-se d'estas ultimas palavras para se lhe dar a conhecer: «Sou eu, lhe disse elle, eu que te fallo é que sou o Messias.» N'aquelle instante chegaram os discipulos que elle tinha mandado á cidade e ficaram admirados de elle estar a conversar com aquella mulher. Nenhum d'elles porém lhe disse: «O que lhe estás tu pedindo?» ou «Porque estás tu fallando com ella?»

Mas a mulher deixando alli o cantaro, voltou á cidade e disse aos que lá encontrando: «Vinde vêr um homem que me disse tudo o que tenho feito. Não será elle o Christo?» Elles saíram da cidade e vieram aonde elle estava.

Os discipulos de Jesus rogaram-lhe que comesse, e elle disse-lhes: «Tenho um alimento para tomar que vós não conheceis. «Os discipulos imaginando que elle se referia a algum alimento material, diziam uns para os outros: «Quem lhe traria de comer?» Mas logo elle lhes levantou os pensamentos acima das cousas terrenas, acrescentando: «O meu alimento é fazer a vontade d'Aquelle que me enviou, e completar a sua obra convertendo o mundo todo. Não dizeis vós que ha quatro mezes das sementeiras até á colheita e que d'aqui lá não ha nada a fazer? Pois eu vos digo, levantai os olhos e considerae os campos que já estão alvejando, porque está chegada a hora da colheita.»

«Aquelle que ceifa recebe o premio do seu trabalho. Junta fructos não para esta vida que tão pouco dura, mas sim para a vida eterna. Quem semeia, ainda que não veja o fructo do que semeou, está tão satisfeito como aquelle que anda ceifando. Pois é com razão que se diz: «Um é quem semeia, outro quem colhe. Eu mandei-vos colher o que não é fructo dos vossos suores. Os que trabalharam, foram os prophetas que vos precederam, e vós tomastes posse dos seus trabalhos.»

Os samaritanos que tinham vindo procurar Jesus pelo testemunho da mulher com quem elle conversára, rogaram-lhe que ficasse com elles. Alli se demorou dois dias e muitos houve que crêram n'elle. E diziam á Samaritana: «Se crêmos, já não é sómente pela tua palavra, mas sim pelo que nós mesmos temos ouvido. Sabemos que elle é realmente o Christo, Salvador do mundo.»

*
*
**Santa Izabel
rainha da Hungria**

(Vid. pag. 251)

Santa Izabel, que era filha d'An-

dré II, rei da Hungria, foi uma princeza segundo o coração de Deus. Desde mui tenra idade foi destinada para esposa do landgrave de Thuringia, a cuja côrte a levaram, quando tinha quatro annos, e alli se creou em companhia da princeza Ignez, irmã do príncipe, seu futuro esposo.

No minguado espaço de que dispomos para esta secção, é impossivel relatar os prodigiosos milagres que esta grande santa fez durante a sua vida. Porisso os passamos em claro, limitando-se a narrar resumidamente qual foi o viver da santa, depois que seu marido falleceu em Otranto, na Calabria, a 11 de setembro de 1227, pedindo as informações ao Padre João Croiset.

A noticia d'esta morte foi uma das mais terriveis provas porque a princeza passou. Logo que tributou os ultimos funebres obsequios á saudosa memoria de seu marido, despojou-se de todos os seus ornatos, e vestiu-se de lã, como se fôra mulher ordinaria ou particular. Desprendida já do que mais amava no mundo, tardou pouco a desembarçar-se de tudo o que possuia n'ella. A instancias dos grandes, tomou as redeas do governo o príncipe Henrique, irmão do landgrave defuncto. Intentou causa contra a princeza, como dissipadora das rendas do Estado em esmolas; despojaram-na de todos os seus bens, expulsaram-na ignominiosamente do paço, sem familia, sem criados, sem trem, reduzida a viver da caridade. Não houve quem a quizesse receber em sua casa com receio de incorrer na malquerença do novo governo.

Passava os dias na igreja, e de noite retirava-se a um estabulo meio arruinado, aonde os mendigos costumavam acolher-se sustentando-se de pedaços de pão, que lhe davam occultamente. Em tão universal abandono e em tão lastimoso estado transparecia-lhe no rosto a interior alegria do coração, apesar de um tratamento tão indigno. Desde a primeira noite de sua desgraça, e logo que amanheceu o dia seguinte, dirigiu-se á igreja dos franciscanos, e mandou cantar n'ella um *Te Deum* em acção de graças.

Immediatamente depois fez voto de perpetua castidade, juntamente com duas damas de honor, que nunca consentiram em se separar d'ella, tendo a santa apenas vinte annos.

Não é facil explicar o muito que lhe deram que sentir os parentes do landgrave, seu marido, os grandes do paiz e até os seus mais infimos vassallos, permitindo-o assim Deus para que resplandecesse mais sua eminente santidade; e para deixar ao mundo o exemplo mais illustre da paciencia christã. Tocado de compaixão um santo

sacerdote ao ver que de todas as partes a repelliam, até mesmo dos hospitaes por ella fundados, quiz recolher-a em sua casa; mas não bem havia entrado quando a fizeram sahir d'ella brutalmente. D'esta sorte a filha de um grande rei, a mulher de um dos principes mais poderosos da Alemanha, a mãe do herdeiro de todos aquellos grandes estados, e a mãe de todos os pobres, viu-se reduzida á ultima necessidade, á mais espantosa miseria!

Mas um estado de tanta humilhação e abatimento não foi capaz de alterar sua tranquillidade e serenidade d'alma, nem aquella constante e suavissima mansidão. Reconciliada com Henrique, seu tio, pelo Bispo de Baubey, tornou a receber o seu dote. Mal o recebeu repartiu-o logo pelos pobres; e querendo consagrar-se a Deus mais perfeitamente, tomou o habito da ordem terceira de S. Francisco, sendo depois o seu mais illustre ornamento.

Não contente de padecer tudo o que podia ser mais humilhante para o amor proprio, o mais duro e mais forte, o mais insupportavel para quem nasceu debaixo de ardeões dourados, tão distincta e tão nova ainda, acrescentou ás antigas penitencias outras novas que tocavam as raias do excesso. Todo o seu sustento eram umaservas ou legumes cozidos em agua, sem outro condimento ou salsa, e uns bocados de duro pão. Seu vestido de tosca lã sem tinta e de vil preço, quando se rompia ou estava já mui gasto, remendava-o com os trapos que lhe vinham casualmente á mão, e como tinha dado aos pobres quanto possuia, fiava lã para ganhar de comer.

Mandou fabricar em Marburg uma choça de taipa, onde as taboas estavam tão mal unidas, que não a protegiam contra os rigores do temporal. Em meio d'estas voluntarias penitencias sentia grande consolação em ter junto de si as suas queridas Isentruedes e Guta, mais amantes e fieis a sua senhora em tempo de desgraça, do que no de seu maior esplendor.

Pois tambem lhe exigiu Deus este sacrificio; custou-lhe muito; mas fel-o, ao indicar-lhe o seu director, homem interior e espirital, que semelhante apego era obice á perfeição.

Era impossivel que não se impuzesse dominadora uma virtude tão alta. Uma noite viu em sonhos o infeliz estado, em que se achava a rainha, sua defuncta mãe: levantou-se da cama, e poz-se em oração, pedindo ao Senhor pelo descanso da alma d'ella.

Tornou a encostar-se, e na segunda visão appareceu-lhe a rainha, a dar-lhe os devidos agradecimentos, pela haver libertado das penas que padecia, assegurando-lhe que suas orações eram

summamente gratas aos olhos de Deus.

Veiu de proposito visital-a um moço cavalleiro, chamado Bertholdo, de vida mui estragada; tão impressionado ficou á vista da modestia e da virtude da princeza, que lhe rogou o encommendasse para lhe alcançar a conversão. «Se falas devéras e sinceramente, lhe replicou a santa, façamos ambos oração.»

Logo que o joven se poz em oração com a princeza, sentiu-se inteiramente mudado; sahiu da oração tão penetrado de vivissima dôr pelas passadas desordens que entrou a exclamar: «Basta, senhora, basta: ouvidas foram de Deus vossas orações» e despedindo-se de Izabel, tomou o habito de S. Francisco, passando o resto dos dias na pobreza, na oração e na penitencia.

Morta inteiramente para o mundo, só vivia do amor de seu Deus, a quem jámais perdia de vista. Era sua vida uma oração pegada, e sua oração um raptó continuo. A ternura e a confiança na Santissima Virgem era a devoção de seu carinho, não podendo falar d'esta Senhora, sendo arrebatada de gozo e como extatica de amor.

Quiz finalmente galardoar o céo, quanto antes, uma virtude tão extraordinaria; tendo-lhe apparecido Jesus Christo, convidou-a para a estancia ditosa dos bemaventurados.

Sabedora do dia de sua morte, preparou-se para ella com renovação visivel de seu habitual fervor; e posto não ser grave na apparencia a enfermidade que padecia, quiz receber os sanctos sacramentos: o que fez com tão terna e fervorosa devoção, que encheu de admiração todos os assistentes. As conversações que ao depois teve, todas foram as mais edificantes, todas vivas e efficazes, dirigidas a ponderar as doçuras e vantagens que se experimentam no amor de Deus, e a desprezível vaidade das grandezas do mundo. Tres dias antes do seu passamento, pediu que não deixassem entrar ninguem em seu quarto á excepção d'aquelles que pudessem ajudal-a a bem morrer. Emfim no dia 19 de novembro do anno de 1231 entregou docemente o espirito nas mãos de seu Creador aos vinte e quatro annos de idade, tendo sido os ultimos quatro uma cadeia continua de acerbissimas tribulações.

Quatro dias esteve exposto o cadaver pelo immenso concurso de gente que acudia de todas as partes a veneral-a com anciosa devoção. Enterraram-na depois com grande solemnidade na capella immediata ao hospital de Marburgo, que a mesma santa havia mandado edificar, manifestando Deus depois da sua morte a santidade de

sua fidelissima serva com multidão numerosa de milagres. Contam-se deuses mortos resuscitados, além de uma infinidade de enfermos desesperados da cura que recobram a saúde por sua poderosa intercessão; por isso o Papa Gregorio IX, informado completamente da santidade da princeza desde o primeiro anno de seu pontificado a canonicou e poz no catalogo dos santys quatro annos depois de sua morte, com solemidade verdadeiramente extraordinaria.

No anno seguinte, que foi o de 1236, foi levantado da terra o santo corpo pelo Arcebispo de Moguncia, e exposto á publica veneração dos fieis, assistindo á cerimonia o imperador Frederico II, o qual foi o primeiro que por suas imperiaes mãos levantou a lousa da sepultura e poz ao cadaver uma coroa de ouro sobre a cabeça. Acharam-se presentes a esta devotissima função o joven landgrave Herman, filho da santa, e as princezas Sophia e Gertrudes, irinãs do landgrave e taubem filhas da mesma Izabel.

A concorrência de Prelados e de principes do imperio e do mais povo que acudiu a esta solemne translação do santo corpo, foi tão grande, que se assevera ter sido de mais de duzentas mil pessoas. Espalhou-se por toda a cidade a suavissima fragrancia, que exalou sua sepultura; as preciosas reliquias foram encerradas em uma rica urna que se collocou no altar do hospital. Parte d'ellas foram trasladadas ao deante para a igreja das carmelitas de Bruxellas, e outra parte para a magnifica capella de Roche-Gurgon sobre o Sena.

RETROSPECTO

As memorias d'uma ex-palladista.

Distribuimos aos nossos presados assignantes, com *O Progresso Catholico*, um prospecto para *As memorias d'uma ex-palladista*, por Diana Vaughan.

Acabam, porém, de levantar-se sérias duvidas sobre a existencia de Diana Vaughan. Jornaes muitos sérios, como *L'Univers*, *La Verité*, *Le Nouvelliste de Lyon*, etc., põem em duvida a existencia de Vaughan e affirmam que o livro foi uma especulação de livraria.

Em consequencia d'estas duvidas, o nosso prezado amigo, sr. Antonio Dourado, d'accordo com o traductor das *Memorias*, resolveram não publicar a obra emquanto esta questão se não esclarecer.

Uma commissão romana, composta de Prelados, de Padres e de leigos de

toda a respeitabilidade, está encarregada d'estudar o assumpto e de dar publicamente o seu parecer sobre elle: se essa commissão vier dizer que Diana Vaughan existe, é uma convertida sincera e as suas revelações merecem credito, o benemerito editor portuense publicará as *Memorias*; no caso contrario não as publicará, embora com isso soffra um grande prejuizo, (pois já tinha comprado os direitos de propriedade da obra) porque, sendo a sua casa editora uma casa séria, o seu proprietario não se prestaria, bem como o traductor, a divulgar entre os catholicos uma obra que, embora de combate á maçonaria, não fosse, em todo o seu conjuncto, a sincera expressão da verdade.

Dedicacão d'um missionario catholico

Os Padres são uns egoistas! — heram para ali os jacobinos dementados e os mações, que ha muito deram a alma a Satanaz.

Que o são, prova-o o seguinte facto, entre muitos que todos os dias se estão lendo nos jornaes:

O conde Savoiron, prisioneiro do Ras Alula, na Africa, estava desesperado na sua prisão, quando se apresentou o missionario catholico, Padre Coulbeaux, pedindo ao regulo o resgate do conde, que foi fixado em 60:000 francos. O conde foi logo posto em liberdade, e em seu lugar ficou o missionario, que continuará na prisão até que se acabe de pagar aquella quantia.

O que fez agora o Padre Colbeaux fizeram-no durante muitos seculos os religiosos da Santissima Trindade e da Mercê, quando se tratava de libertar os captivos.

Os jacobinos e mações sabem isto, mas fingem que o ignoram.

Desgraçados! fecham obstinadamente os olhos á luz!

Apresentae, se podeis, entre os vossos asseclas, quem haja praticado um acto de tanta abnegação como o do Padre Coulbeaux.

Calaes-vos?

Mas, então, envergonhae-vos e não calunnieis mais os santos missionarios, que são dignos de respeito e consideração.

Como se respeitam os religiosos em França

Officialmente, os religiosos são altamente perseguidos em França. A franc-maçonaria está senhora do poder, é quem *todo lo manda*, e calca aos pés os catholicos, apesar dos catholicos francezes não poderem ser accusados, com razão, de abandonarem o cumprimento dos seus deveres.

O seguinte facto prova-o:

Em Drombot-le-Sec, (Vosges), uma

casa posta á disposição das Irmãs por uma pessoa caridosa, foi brutalmente invadida pelo *mair*e e pela policia do sitio. A Irmã directora do asylo foi expulsa. A doadora vae recorrer aos tribunaes para fazer respeitar a sua vontade.

Nem as casas doadas pelos particulares ás boas Irmãs escapam á rapacidade das auctoridades francezas!

Veremos o que os tribunaes decidem.

Liga de defeza sacerdotal

Apezar da atroz perseguição que o governo francez move aos catholicos influenciado pela maçonaria, e talvez por causa d'essa perseguição, o clero francez une-se e trabalha. Não assiste ao derruir das instituições christãs de braços cruzados. Lucta, lucta sempre, embora seja vencido. E' que em França ha vida catholica e o clero não olvida os seus deveres, embora o privem dos seus rendimentos. Se o deixam sem ter com que acudir ás mais urgentes necessidades da vida, o povo catholico estende-lhe a mão e não o deixa morrer á fome.

Como é consolador este espectáculo!

O clero da diocese de Agen, que não é clero *d'aguas mornas*, acaba de seguir o excellent exemplo dado em muitos pontos do paiz e já tão fecundo em resultados.

Depois de celebrar duas reuniões, fundou uma liga, sob o titulo de *União Sacerdotal de Defeza*. E' presidida pelos arcyprstes, e mais de duzentos membros entraram já com as suas quotas.

Para a frente, valorosos soldados do exercito de Christo! Para a frente, que Deus é por vós!

O delegado apostolico nos Estados-Unidos

Diz um jornal catholico estrangeiro que Monsenhor Satolli, delegado apostolico nos Estados-Unidos, que ultima mente foi creado Cardeal, nos ultimos dias da sua permanencia n'aquelle paiz recebeu de todas as classes da sociedade, tanto dos protestantes como dos catholicos, extraordinarias provas de affecto. Visitou pela ultima vez a celebre Escola Militar de West Point e deixou instrucções recebidas de Sua Santidade ácerca dos pontos, que hoje são objecto de animadas discussões entre os Prelados norte-americanos.

Deixa bem preparado o terreno ao seu successor, Monsenhor Martinelli.

Nos Estados-Unidos a religião catholica tem progredido muitissimo, graças á liberdade, de que alli goza.

Contra a maçonaria

Os catholicos francezes não descançam na guerra á franc-maçonaria, que

é o maior inimigo da Igreja catholica.

La Croix du Dauphiné emittiu o desejo de ver os homens independentes assignar em massa um protexto contra a existencia publica da maçonaria, cujos membros incorrem em multa e prisão, segundo o decreto, não abolido, de 28 de julho de 1848.

Este decreto condemna as sociedades secretas. Não obstante as manifestações exteriores da maçonaria, este agrupamento não tem nenhuma sanção legal, e a engrenagem intima que o faz mover não se mostra a descoberto. N'uma palavra, é uma «congregação não autorizada.» Um governo que fizesse escrupulosamente respeitar as «leis existentes» deveria, no estado actual da legislação, dissolver a maçonaria.

O Peuple Français, adoptando a ideia da *Croix du Dauphiné*, diz:

«Os nossos amigos de Grenoble tiveram a ideia; annunciaram-nos a sua execução. Nós exclamamos: bravo! e declaramos-nos promptos a seguir-lhes os passos.

«Não desejaríamos tirar-lhes a gloria dos primeiros golpes. Mas, se nos é permitido exprimir um parecer, quereíamos ver este pensamento amadurecido no decurso d'uma das sessões do congresso catholico, que está agora reunido em Reims, e tomar forma em uma votação effectuada por essa grande assembleia. Se o movimento contra a maçonaria partisse de Reims, teria pela sua origem — emanada d'uma assembleia geral dos catholicos de França — caracter d'universalidade. Não seria cousa só d'uma aggremação. Abrangeria, agruparia n'um mesmo impulso de protesto todos os catholicos de França, cansados de serem opprimidos em nome da lei, e resolvidos a defende-rem-se com a lei na mão.»

L'Univers commenta:

«A ideia é louvavel. Sem ter illusões ácerca do resultado immediato d'uma petição d'este genero, teria esta ao menos o merito de fazer ver ás massas uma verdade muito esquecida algumas vezes. É um genero de propaganda que pôde, como outros, produzir seus fructos.

«Todas as vezes que nos fazem perseguir a nós catholicos, é bom poder provar, com documentos na mão, que, apesar de todas as precauções e hypocrisias legais, os perseguidores cahem e enredam-se nas malhas de suas proprias leis.»

Avante contra a maçonaria!

Concordata entre a Santa Sé e o principado do Montenegro

Já está publicada a concordata, celebrada entre a Santa Sé e o principado do Montenegro. Por occasião d'esta concordata, Sua Santidade condecorou

o soberano d'aquelle paiz com as insignias da grã-cruz de Pio IX.

O Arcebispo d'Antivari, chefe dos catholicos do principado, communicar-se-ha directamente com o Summo Pontífice, e, d'acordo com o governo, poderá demarcar as parochias. Onde não existe edificio apropriado para os templos, facultar-o-ha o governo. O governo declara validos os casamentos dos catholicos. Permite-se que a oração *Salvem fac Principem* se recite nos officios divinos em lingua *slava*. Todos os annos permitirá o governo que dois jovens montenegrinos, que abraçem a carreira ecclesiastica, vão estudar as sciencias sagradas em um seminario de Roma.

Estas são as principaes disposições da nova concordata.

Consequencias do livre-pensamento

Diz um correspondente de Poligni, (França):

«Um grande crime foi esta noite commettido aqui. Um rapaz de 34 annos, Monneret de nome, foi degolado por seu irmão de 21 annos. O pae é um adepto fervoroso do livre pensamento, que educou estes dois filhos sem religião alguma.»

Se o pae educou os filhos em taes ideias, que admira que na familia houvesse um Caím?

Se não ha Deus, se não ha vida futura, por que não havia o irmão de cevar o seu odio no irmão?

Aquelle malvado filho foi consequente: o pae não podia esperar outra coisa d'elle.

Desgraçado de tal filho, mas tambem desgraçado de tal pae, que é mais responsavel do que o filho, pela pessima educação que lhe deu, por aquelle assassinato.

O catholicismo no Oriente

O *Nordish Mgeblad*, que se publica em Copenhague, publica um artigo ácerca do catholicismo no Oriente. Põe em evidencia a desgraçada situação das Igrejas catholicas, que alli existem separadas entre si, embora sujeitas ao Papa; a syriaca, a maronita do Libano, a chaldeia, a melkita, a armenia, a copta e a abyssinia. Algumas d'ellas estão divididas e subdivididas, sem força para luctar com os seus adversarios. Só os maronitas se vêem livres do contacto com os scismaticos.

O dito jornal calcula que attingem o numero de 650.000 os catholicos orientaes que reconhecem a auctoridade do Romano Pontífice, e que se encontram na triste situação a que nos referimos

Os gregos submettidos á Sé Apostolica, e que habitam no Oriente, re-

presentam uma cifra ainda mais consideravel.

Por estes dados se pôde calcular a importancia dos projectos de Leão XIII.

Deus os abençoe e faça com que brevemente as aspirações do Papa — que, como se sabe, são estabelecer a unidade, chamando ao aprisco as ovelhas tresmalhadas — se realis m.

Utilidade dos missionarios

Dois filhos de D. Bosco percorreram em 33 dias, a cavallo, na Patagonia, 1:950 kilometros. Durante esta viagem aproveitaram bem o tempo. Veja-se pela seguinte lista:

Baptismo, 32; confirmações, 93; communhões (de que 20 foram primeiras), 68; confissões, 90; casamentos, 10; Sagrado Viatico e Extrema-Unção, 1; benção de capella, 1; missas solennes, 27; missas rezadas, 6; benção de novas casas, 2.

Em toda a viagem não dormiram na cama senão oito vezes.

Se algum jornal jacobino lér esta noticia, não deixará de berrar que os missionarios só servem para *fanatisar* o povo.

Que bella colheita em tão pouco tempo!

Deus continue a abençoar os esforços dos santos missionarios salesianos!

Consistorios

Segundo diz um correspondente de Roma, o consistorio secreto para criação dos novos Cardeaes terá logar no dia 26 para a imposição do chapeu aos Em.^{mos} Cardeaes Satolli, Ferrata, Agliardi, Cretoni e Jacobini.

Como se sabe, o Em.^{mo} Cardeal Jacobini foi Nuncio em Portugal. A estas horas já deve estar em Roma.

Portugal perdeu no Em.^{mo} Cardeal Jacobini um grande amigo.

A este se deve o movimento catholico que, nos ultimos annos, se tem notado em Portugal. Se não fôra elle, estaríamos hoje no mesmo pé em que estavamos ha meia duzia annos.

Nosso Senhor lhe recompense os esforços, que fez, em pró da causa catholica no nosso paiz.

Mais prendas do sr. Crispi

É *La Croix* que põe a calva á mostra a este 33.º, açoite da Italia:

«A *Libre Parole* traz hoje sobre Crispi, ex-ministro italiano, uma anecdota curiosa, ainda que não excede a collecção d'aquellas que já temos sobre este personagem.

«Em 1858 Crispi era, segundo parece, secretario d'um banqueiro relacionado commercialmente com Mazzini. Quando occorreu o attentado Orsini contra o imperador Napoleão, o ban-

queiro foi preso, dizendo-lhe que fôra denunciado por seu secretario. N'este ponto damos a palavra ao proprio banqueiro, que assim escreve na *Libre Parole*:

«Havia muitos mezes que eu, por expressa recommendação de Mazzini, havia tomado como secretario um joven italiano, com o ordenado mensal de oito libras. Na vespera da minha prisão, tinha eu escripto, em lingua-gem cifrada, uma extensa carta a Mazzini, dando-a ao meu secretario para que em pessoa fosse lançal-a ao correio.

«Este secretario, protegido de Mazzini, esperando, sem duvida, augmentar o ordenado mensal de oito libras, foi levar a minha carta ás secretarias da rua de Jerusalem!

«Este secretario achou depois seu Brazil na Italia: é o cavalleiro da Anunciada, o snr. Crispi, antigo ministro do rei Humberto.»

Mais uma *prenda* d'este grande homem! Já se sabia que elle tinha apañhado 54 contos ao thesoureiro da camara de Palermo (Sicilia) e tambem se sabiam muitas outras cousas, que ha annos vieram a publico; agora, para co-roar a obra, apparece-nos espilho e traidor!

Não se esqueçam os franc-maçõs d'estes topicos quando escreverem a biographia d'este grande homem, seu idolo!

Os prisioneiros italianos, o Papa e o governo italiano

Os pobres prisioneiros italianos em poder do Negus da Abyssinia não estão em liberdade, porque o governo italiano não quiz. O Papa conseguiu pela sua força moral mais do que o governo italiano pela força das suas armas; mas os *italianissimos* não queriam este triumpho moral do Papa, embora isso lhes trouxesse a libertação dos seus prisioneiros.

Dizem-no as seguintes linhas, transcriptas de *La Croix*, de Paris:

«O Papa tinha negociado com felicidade a entrega dos 2:000 captivos de

Menelik, promettendo moralmente a paz, visto que não a podia dar a titulo de arbitro, porque a Italia, em sua cegueira, despreza o bem extraordinario que possui em Roma para se deitar de joelhos deante dos Crispis.

«Não obstante, o prestigio do Vigario de Christo de tal modo impressionou o potentado schismatico, que este tinha condescendido á vontade do delegado, assignando o acto de libertação dos prisioneiros. N'este entrementes, os italianos embargaram no Mar Vermelho um navio. Isto era, nem mais nem menos, que uma declaração de guerra. Logo, se a guerra continua, então já o Negus não tem obrigação de respeitar os restos infelizes do exercito italiano, nem por consequencia o compromisso já contrahido; nem mesmo o privilegio até agora concedido de não ter applicado aos prisioneiros as leis crueis do seu paiz, tantas vezes experimentadas em europeus.

«Foi por isso que, deante d'esta flagrante violação do direito das gentes para com um principe, disposto a não tratar os italianos como inimigos, o Negus rasgou logo o compromisso já assignado.

«E por essa razão é que Mons. Macario volta só com dois prisioneiros para darem testemunho de tudo isto que foi passado, e como perhor da boa vontade do soberano da Abyssinia, que assim se viu ultrajado.

Isto que já se dizia á boca pequena, está hoje confirmado pelo proprio Prelado Mons. Macario, recém desembarcado do *Ava*, onde se encontrou com *M. Laroché*, ex-governador francez da ilha de Madagascar, a quem no vapor tudo contou, e elle por sua vez repetiu em Paris.

Em seguida ás festas do casamento real, agoadas pela invernia e seguidas pelo cortejo da fume, proclamar-se-ha em Roma que se os prisioneiros não estão hoje no seio de suas familias, restituídos pelo Papa, é porque a isso obstarão os que mais brilharam nas festas officiaes.»

Agora pôde dizer-se effectivamente que, se os prisioneiros italianos não estão em liberdade, é isso devido ao governo italiano.

Mas apesar de tudo, o triumpho moral do Papa não deixa de ser enorme.

Elle só, com a sua auctoridade, teria conseguido o que o governo italiano não conseguiu, se este, pelo seu procedimento ulterior para com o Negus, não tivesse tornado impossivel a libertação dos soldados italianos.

Gloria ao Papa, que ainda hoje, apesar de prisioneiro, é o maior poder moral da terra!

EXPEDIENTE

Está a concluir mais um anno do *Progresso Catholico* e a maior parte dos nossos presados assignantes ainda não mandaram pagar a assignatura. Pedimos-lhes, pois, encarecidamente a especial fineza de mandarem pagar o mais breve que lhes seja possivel, para nos habilitarem a satisfazer os nossos compromissos.

São tambem muitos os que estão em divida á antiga empreza. A estes pedimos, ainda com mais encarecimento, se é possivel, que mandem satisfazer os seus debitos. E' de justiça. Aquelles cavalleiros estão, ha muito, desembolsado, d'esse dinheiro, e, para prejuizo, basta o que já soffreram.

A todos protestamos desde já o nosso agradecimento, pedindo desculpa d'esta impertinencia, filha da necessidade de regularisarmos contas e de pagarmos a quem devemos

Vicente Fructuoso da Fonseca,
Administrador do *Progresso Catholico*.

O PROGRESSO CATHOLICO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MEZ

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Continente portuguez e Hespanha, 800 reis—Ilhas, o mesmo preço, sendo feito o pagamento em moeda equivalente á do continente
Provincias ultramarinas e paizes da União Geral dos Correios, 15000 reis—Estados da India, China, e America, 15200 reis, moeda portugueza—
Numero avulso 100 reis.

As assignaturas são pagas adiantadamente

O que se refira á redacção deve ser enviado a

Manuel Fructuoso da Fonseca, rua da Picaria, 74—PORTO.

O que se refira á administração (pagamento d'assignaturas, pedidos de livros, mudança de direcção, etc.) a
Vicente Fructuoso da Fonseca, na rua da Picaria, 74—PORTO.

Typ. Catholica de José Fructuoso da Fonseca, rua da Picaria, 74 — Porto